

RESENHAS REVIEWS

Rafael Eugenio HOYOS—ANDRADE*

WALTER, Henriette — *Enquête phonologique et variétés régionales du français*. Paris, Presses Universitaires de France, 1982. 254 p.

É esta, sem dúvida alguma, uma valiosa contribuição da lingüística funcionalista para os estudos fonológicos em geral, e para o estudo dos subsistemas fonológicos do francês, em particular.

A Autora, amplamente conhecida pela sua decisiva participação no avanço e divulgação do modelo funcionalista, vem enriquecer, com este seu último livro (impresso em fevereiro de 1982), um campo de estudos que possui enormes perspectivas de desenvolvimento no nosso Brasil: o da pesquisa dialetológica. Esse enriquecimento consiste, fundamentalmente, no fato de ela ter posto à nossa disposição uma metodologia já testada com sucesso na França para o estudo dos sistemas, ou melhor, subsistemas fonológicos regionais.

Os dois primeiros capítulos (I — Generalidades. II — Antes do inquérito.) constituem, por si sós, um pequeno tratado de pesquisa dialetal fonológica. São 70 páginas de leitura agradável, porém densa de informações, em que baseada numa visão funcionalista da fonologia, a A. vai fornecendo ao estudioso normas e conselhos práticos, fruto de longa experiência pessoal, entremeados a observações de natureza teórica.

No capítulo terceiro apresentam-se “Os resultados do inquérito”, que consistem essencialmente na descrição dos 111 idioletos analisados. Essas análises fonológicas foram oportunamente reduzidas a resumos, sob a forma de quadros fonológicos, que nos permitem identificar rapidamente as características principais do idioleto em pauta. Quinze, dentre os 111 idioletos, mereceram, além da apresentação dos seus dados essenciais, uma exposição detalhada. Esta é a parte mais volumosa do livro: 116 páginas em letra miúda que, como diz Martinet na introdução, “on aura intérêt à consulter le crayon à la main, en se reportant fréquemment à la carte des points d'enquête” (p. 11). Noutros termos, este capítulo é de consulta obrigatória para os pesquisadores interessados em determinar os subsistemas fonológicos do francês.

A conclusão, cinco breves páginas, é apresentada no capítulo quarto. Traçam-se aqui as grandes linhas *qualitativas* (não quantitativas) da diversidade fonológica vigente hoje na França e, até mesmo, as tendências previsíveis a partir da análise dos dados. São dados, repete a A., qualitativos, já que se trata de um pré-inquérito reduzido a 35 pontos com um total de unicamente 111 informantes. O

* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19.800 — Assis — SP.

inquérito "definitivo", com conclusões também quantitativas, virá depois, quando o número dos informantes for bem maior numa pesquisa fonológica a grande escala.

Documentos essenciais para o inquiridor constituem o capítulo quinto, a saber: ficha de dados do informante; conselhos práticos para os inquiridores e questionário destinado à primeira sessão; recomendações e questionário fonológico oral (que aborda catorze grupos de fenômenos fonológicos); um estudo destinado a permitir o levantamento sistemático do estado atual e das tendências na realização do *e caduco* ("e muet"); e, finalmente, observações relativas ao preenchimento do caderno de inquérito, à análise e descrição fonológicas dos idioletos e às apresentações geográfica, histórica e lingüística da região em estudo, que são parte importantíssima da documentação a ser recolhida pelo inquiridor. O capítulo sexto é uma ampla bibliografia sobre dialetologia francesa.

Gostaríamos agora de tecer algumas considerações sobre o conteúdo dos primeiros dois capítulos que possuem um valor mais universal.

Impressiona desde a primeira página o realismo funcionalista da Professora Walter. Esse realismo, que não deixa de cativar quem se interesse verdadeiramente por uma *lingüística da linguagem humana* tal como ela é e funciona. A *realidade lingüística* é o objeto da pesquisa fonológica (p. 23); essa realidade apoia-se na pertinência comunicativa (ibid.), sem esquecer, porém, que a comunicação lingüística está geralmente acompanhada de elementos comunicacionais não lingüísticos (p. 24).

A pesquisa fonológica para ser válida deve começar pela descrição sistemática e cuidadosa de idioletos (p. 18). Na descrição destes idioletos é necessário um grande respeito pela substância fônica (p. 26); daí a conveniência de uma anotação deta-

lhada das realizações fonéticas que nos permitam detectar as oposições infrequentes ou inesperadas e as condições da evolução fonética em andamento (p. 26).

Esse mesmo realismo faz com que a A., sem abandonar posições teóricas definidas e, em certa medida definitivas, como a noção de fonema (= unidade *discreta*), leve em consideração as zonas de instabilidade presentes em qualquer sistema fonológico (p. 29). Essa atitude aberta a uma realidade lingüística complexa e instável chega, porém, a produzir uma certa ambigüidade no texto quando Henriette Walter, apesar de defender como essencial o caráter discreto dos fonemas, manifesta a esperança de que uma nova teoria venha a oferecer "os meios de explicar de maneira mais adequada a realidade lingüística" (p. 30). Igualmente realistas são a opinião de que não se devem misturar realizações de diferentes dialetos no intuito de comprovar o sistema de oposições vigente numa determinada região (p. 31-32), e a constatação de que "a distribuição dos fonemas nas unidades significativas não é estritamente a mesma para todos os membros de uma mesma comunidade" (p. 32).

A sábia distinção entre *flutuações* ("utilização facultativa e, aparentemente, aleatória de um ou outro fonema para um mesmo monema" (p. 34) e "*variantes* de um mesmo fonema", é mais uma prova do enfoque realista da obra; trata-se, com efeito, de fenômenos realmente diferentes: há *flutuação* quando dois ou mais fonemas do sistema estão em causa; a simples comprovação de variações na pronúncia de um fonema não é, necessariamente, um caso de flutuação. Achamos, porém, que a Professora Walter teria sido mais completa se tivesse, neste lugar (p. 34-36), relacionado flutuação com *neutralização*. Na neutralização também estão em jogo dois ou mais fonemas da língua, só que em determinados contextos eles deixam de se opor, a ponto de a opo-

sição distintiva tornar-se, nestes casos, impossível. Fala-se de flutuação quando a oposição é restituível ou, pelo menos, possível dentro do sistema. É o que acontece no português de algumas regiões do Brasil: DESCRIÇÃO e DISCRICÃO pronunciam-se iguais, [diskri'sãw], mas a oposição é sempre reinstaurável, por razões de clareza: [deskri'sãw] ≠ [diskri'sãw], ou fonologicamente /deSkri'sãũ/ ≠ /diSkri'sãũ/. Acharmos conveniente determinar, no estudo de um sistema particular, seja este idioleto ou dialeto, quando estamos diante de uma neutralização, quando diante de uma flutuação e quando, simplesmente, diante de variantes da mesma unidade distintiva.

Sensata, além de realista, a importância que se atribui, na obra em foco, à "pré-enquête" ou inquérito prévio, antes de lançar-se a um inquérito em grande escala (p. 45-46). Aliás, a Professora Walter caracteriza a pesquisa fonológica focalizada nesta obra como um pré-inquérito, dado o número reduzido de pontos de pesquisa (35) e de informantes (111). A mesma sensatez campeia na recomendação (seguida à risca pelas equipes da A.) de não se contentar só com o questionário previamente preparado: "É essencial associar ao questionário uma longa conversa que possa servir de *corpus* e orientar as perguntas do inquiridor numa boa direção" (p. 83). Esse contato vivo, dinâmico, entre pesquisadores e informantes fará com que o instrumento "se adapte constantemente às variações do objeto de estudo" (p. 84): essa adaptação nada mais é do que uma aplicação modelar do critério funcionalista da pertinência. Afinal, como o afirma explicitamente nossa Autora: "...o sistema fonológico não é alguma coisa estática" (p. 96).

Fora o realismo funcionalista da obra, merece ser destacada também a preocupação sociolinguística de estabelecer relações entre as variáveis lingüísticas e as variáveis sócio-culturais (idade, sexo, profissão, cultura, geografia e estilo) (p. 38), dando, porém, a cada variável seu devido lugar: em Europa, por exemplo, predomina o fator geográfico, enquanto nos Estados Unidos predomina o fator sócioeconômico na caracterização lingüística dos falantes.

Merece especial relevo o calor humano, o "dinamismo sorridente" que Martinet enfatiza com muita oportunidade na Introdução (p. 18) e que transparece nos comentários que a própria Henriette Walter faz de seu contato com os informantes: "...conseguimos ser para nossos informantes não o inquiridor anônimo vindo da Capital para surpreendê-los na sua intimidade e julgar sua maneira de falar, mas o amigo eventual que, longe de dogmatizar, só deseja informar-se e instruir-se" (p. 72).

Quanto à metodologia sugerida e ensinada neste precioso manual, só nos resta desejar que, em dia não distante, possa ser aplicada aqui em nosso país, como a própria Autora teve a simpatia de exprimi-lo na dedicatória a nós endereçada: "... en souhaitant qu'une enquête du même type puisse se faire un jour au Brésil". Esperamos que um dia esse desejo se torne possível, graças à preparação de equipes de pesquisadores e ao apoio financeiro imprescindível de alguma instituição capaz de dar à pesquisa lingüística o valor que lhe corresponde, dentro de uma concepção comunicacional e funcionalista (no seu sentido mais amplo) da linguagem.